

A multifuncionalidade da clivagem na fala e na escrita¹

Manoel de Carvalho Almeida*

Cláudia Roncarati**

Resumo – Este estudo examina a multifuncionalidade da clivagem, focalizando suas funções discursivo-argumentativas e meta-enunciativas em gêneros da fala e da escrita.

Palavras-chave – Clivagem. Fala. Escrita. Gêneros.

1. Introdução

As construções abaixo ilustram um recurso lingüístico, denominado na literatura especializada de clivagem:

*QUEM SUSTENTA A VIOLÊNCIA É O TRÁFICO DE DROGAS.
QUEM FINANCIA O TRÁFICO DE DROGAS É VOCÊ.*

(Peça publicitária de combate ao uso de drogas, veiculada na televisão em 2002)

O QUE AS MULHERES QUEREM.

(Capa da revista *Domingo*, encarte do *Jornal do Brasil*, 21/06/02)

AMÉLIA É QUE ERA MULHER DE VERDADE.

(Famosa música popular, escrita por Mário Lago, com arranjo de Ataulfo Alves)

*BOM, QUE É DE APENAS SETE REAIS POR PESSOA...
O QUE PERCEBE QUE NÃO DÁ PRA ALIMENTAR AS PESSOAS...*

(Candidato Lula em réplica ao Serra, comentando sobre o valor da bolsa-alimentação, debate eleitoral de 2002)

* Professor do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: manoelalmeida2210@yahoo.com.br.

** Professora Associada I da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Brasil.
Pesquisadora do CNPq. E-mail: roncarat@uol.com.br.

A título de exemplificação, vamos comentar alguns desses exemplos. O primeiro exemplo é uma peça publicitária de combate ao uso de drogas. Começa com um cigarro queimando, um fumante, música e cenas de violência. Nenhuma fala: somente imagens, espectros e música de fundo. A parte da linguagem verbal é articulada através do fenômeno da clivagem, mais precisamente, através de duas *pseudoclivadas* (doravante, *PCs*). O efeito argumentativo pretendido – alertar para o fato de que, à luz do raciocínio desenvolvido, o usuário é quem mantém a violência da qual todos reclamam – se deve ao emprego dessas construções de alto teor argumentativo que buscam atingir o alvo final: a tentativa de conscientização do papel do usuário na engrenagem da violência. Note-se, também, que o elemento *quem* e não *o que* - que seria de se esperar para entidades com traço não-animado (tráfico) - pode ser justificado como recurso de personificação dessa atividade, codificado em uma estruturação binária anafórica que repete o constituinte inicial e inverte a ordem dos constituintes com efeitos para o processamento do jogo argumentativo.

O segundo exemplo é a construção que aparece na capa da revista *Domingo do Jornal do Brasil*. Após a parte em destaque (*O que as mulheres querem*), vem a chamada (*lead*) para a matéria jornalística em questão:

(2) Foi-se o tempo em que a igualdade com os homens ditava a pauta de reivindicações femininas. **O que elas querem hoje é consumir menos**, ter mais tempo para a família e direito de viver a fúria da TPM em paz. (p. 20)

Esse tipo de construção - *O que as mulheres querem* - funciona como uma catáfora, uma espécie de tópico prefaciador. A parte pressuposta da sentença clivada (doravante *SC*) vem em destaque e os elementos novos a serem focalizados aparecem em forma de listagem na porção discursiva subsequente. Dentro de um universo possível, essa construção estabelece o subconjunto de ações/atributos focalizados pela sentença pseudoclivada.

As *SCs* constituem um fenômeno lingüístico presente em jornais, revistas, livros, cartazes, *outdoors*, publicidade, novelas, noticiários jornalísticos, campanhas políticas, debates, conversas informais, etc.

A clivagem tem recebido tratamento ou na linha meramente formalista, através de análises gerativistas (cf. MODESTO, 2001; GALVEZ, 1998; DECAT, 1989), ou na linha funcionalista, com ênfase no *status* informacio-

nal e na focalidade dos referentes (NEVES, 2001; BERLINK, 1999) ou, ainda, um tratamento marginal na tradição gramatical, que considera tais construções expressões de realce ou expletivas. Há quem defenda que são fenômenos associados ao processamento lingüístico da fala; outros admitem que tais sentenças estão migrando da fala para a escrita (cf. BRAGA, 1999; ALMEIDA; RONCARATI, 2003), outros as ignoram (BECHARA, 2001) e, finalmente, outros já as incluem em suas gramáticas, como PERINI (1995), NEVES (2000) e MATEUS et al. (2003). Neste ponto, é importante destacar os estudos pioneiros de BRAGA (1989, 1991, 1994, 1995, 1999), de orientação sociofuncionalista, acerca do fenômeno no português do Brasil.

A justificativa para se analisar o fenômeno da clivagem sob o viés da comparação entre fala e escrita e gêneros textuais reside no fato de que muitos pesquisadores consideram alguns desses tipos de construção como marcas de oralidade, afirmando, indiretamente, que esse fenômeno, em sua totalidade, estaria muito mais próximo do processamento lingüístico da fala. BRAGA, em seu artigo de 1999, fornece evidências de que algumas construções como as pseudoclivadas e as clivadas são freqüentes na escrita, enquanto outras alternantes, como *É Que e Foco Ser*, só mais recentemente estão sendo utilizadas na linguagem jornalística.

Um dos pontos de interesse deste nosso artigo é demonstrar que o emprego da clivagem é, em grande parte, motivado por funções discursivo-cognitivas no nível da enunciação. SCs são construções de natureza argumentativa. Nossos resultados demonstram que elas ocorrem menos freqüentemente (e com funções bem específicas) em discursos descritivos e narrativos do que em discursos argumentativos.

Neste texto, privilegiamos, portanto, um enfoque lingüístico-cognitivo e discursivo-argumentativo, ainda não suficientemente explorado na literatura. Nesse sentido, podemos dizer que as SCs atuam em dois domínios discursivos:

- (i) como atividades de formulação textual, rompem a linearidade discursiva em obediência a intenções pragmáticas. Como enfatizam BRAGA (1991) e MATEUS et al. (1983), operações de alteração de linearidade são opções de uso de que um falante dispõe para focalizar um elemento, envolvendo não somente aspectos sintáticos, mas também cognitivos, discursivos e pragmáticos. A focalidade, fenômeno geral da linguagem, pode assumir diferentes formas de codificação, através de acento, or-

dem de palavras e marcadores especiais de foco (*até, só, mesmo*). Como enfatiza NEVES (2001, p. 95), as SCs se sujeitam a considerações funcionais, envolvendo funções pragmáticas correlacionadas ao estatuto informacional dos constituintes em relação à situação comunicativa em que são usadas. As SCs constituem, assim, um mecanismo de focalidade, que caracteriza as partes mais importantes ou salientes da enunciação. É essa dimensão que está na base da definição de KATO et al. (1996, p. 308): “Por orações clivadas entendemos um conjunto de construções-Q usadas para salientar um constituinte sintaticamente como foco sentencial. Dizemos sintaticamente porque o foco é, por definição, o elemento prosodicamente saliente na sentença”. O fenômeno da clivagem, ao destacar um constituinte, atribui-lhe proeminência com finalidade cognitivo-pragmática, seja para marcar a informação nova, expressar contraste, implícito ou explícito, seja para destacar uma informação velha ou inferível, considerada importante em um dado ponto discursivo. Foco e contraste são traços inerentes às SCs, do ponto de vista da distribuição da informação. Nossos resultados confirmam a tese de BRAGA (1991, p. 24) de que o exame do domínio funcional da clivagem e suas configurações como alteradores de linearidade implicam a aceitação da maleabilidade funcional que o caracteriza em decorrência do maior grau de liberdade de que o falante dispõe em nível discursivo e interacional.

- (ii) Como atividades de metaformulação discursiva, visam a persuadir e a levar o enunciatário a aceitar determinada orientação argumentativa. Em termos de produção de efeitos de sentido, é necessário se perguntar por que a linearidade discursiva apresenta determinada embalagem sintática e com que intenção pragmática o enunciador escolhe determinada estrutura preferencial. O importante não é saber como a informação foi distribuída (no sentido da categorização do *status* informacional das entidades propostas por PRINCE (1981, 1991)), mas saber por que ela foi distribuída assim e não de outra forma e quais efeitos de sentido são assim produzidos.

As SCs, por conseguinte, desempenham papel relevante no mapeamento cognitivo do texto, apontando pontos de aterrissagem (nichos) decisivos para a orientação discursiva que o enunciador quer imprimir. À maneira de sinalizadores de trânsito, guiam o olhar do

enunciatário para determinada direção argumentativa, como ilustra o exemplo a seguir, extraído do *corpus* da prosa acadêmica:

Na estruturação tópica e na estruturação semântico-argumentativa, a clivagem não é apenas um mecanismo lingüístico de remissão, mas de dêixis textual: esta função explica a focalização, o corte enunciativo através do qual o falante deseja provocar a adesão a seus argumentos, através de comprovações, fundamentações, provas, evidências e até de outras vozes polifonicamente instauradas. O tipo de corte discursivo que ela instaura é de ordem metacomunicativa com o propósito de tensionar o enunciatário, preparando-o para o percurso a ser empreendido ou, em alguns casos, funcionando como uma espécie de exigência (sutil ou não, suave ou não) da atenção do enunciatário, como ilustra o exemplo a seguir, extraído do *corpus* da prosa acadêmica:

(3) E, mais: é a possibilidade dessa variação de registros que nos permite identificar o falante culto real e não seu maior ou menor conhecimento das regras da gramática tradicional, conhecimento de que se utilizaria muito mais na língua escrita. (PRETI, 1997, p. 28)

Note-se a multifuncionalidade dessa clivada: (a) retoma o tópico anterior; (b) imprime ao discurso uma orientação argumentativa, com a finalidade de aplicar à asserção valor de verdade inquestionável; (c) fecha o parágrafo e abre a possibilidade de se apresentar particularizações subsequentes, que funcionarão como exemplificações e provas argumentais; (d) faz o enunciado adquirir força ilocucionária que estaria ausente sem a construção clivada; (e) constrói um paralelismo sintático (é X e não Y: é 'a possibilidade' e não 'seu conhecimento') responsável por essa orientação argumentativa; e (f) sinaliza uma construção polifônica, uma vez que o argumento rejeitado representa uma voz genérica contra a qual o enunciador genérico se insurge.

As SCs, como bem defende Hopper (comunicação pessoal), não são falhas estruturais ou construções desviantes e fragmentadas em relação ao padrão comum. Mas constituem um tipo de natureza multifacetada da estrutura lingüística: aquela que desempenha ações interacionais, articulando, entre outras funções, um ponto de vista ou atitude. E, por isso mesmo, funcionam como mecanismos que possibilitam destacar o grau de assertividade do enunciado, revelando-se, assim, tanto como recursos de teor argumentativo de diretividade do conteúdo proposicional quan-

to como recursos interpessoais de codificação da intersubjetividade da relação enunciador/enunciatório. Confira-se o exemplo a seguir, igualmente extraído da prosa acadêmica:

- (4) Registros históricos, como o *Appendix Probi* (III a. C.) (cf. SILVA NETO, 1957) e a *Ortografia da Língua Portuguesa* (primeira edição, 15756, cf. LEÃO, 1983), há muito mostraram a competição entre formas novas e antigas num determinado estágio de evolução da língua. Como observadores confortavelmente distanciados e instalados no final do século XX, podemos avaliar esses documentos, verdadeiros registros de variação, de mudança e de valores sociais em competição em uma dada língua, num determinado momento. **Curioso é que**, em geral, o que se constata, por exemplo, no *Appendix Probi*, é que a forma corrigida e nova é a que prevalece, dando origem a outras formas nas diversas línguas românicas (cf. os registros de perda das desinências de caso, supressão da consoante final, elipse do **u** (breve) em sílaba postônica entre oclusiva e lateral). Já a *Ortografia* apresenta a correção das formas que “a gente vulgar usa e escreve mal”... (MOLLIKA, 1998, p.20)

Tem-se aqui uma PC com apagamento de *que* e da cópula: (*O que é curioso é que...* Essa construção opera um corte no fluxo discursivo para a inserção de um comentário metaformativo acerca do conteúdo do enunciado, com envolvimento pessoal de natureza avaliativa: seu estranhamento com relação à prevalência da forma corrigida.

Vejamos um outro exemplo:

- (5) **O que me parece relevante é assinalar que toda e qualquer sentença clivada**, graças ao seu padrão entonacional e sistema de acento, **possibilita uma leitura contrastiva**, principalmente quando a sentença é descontextualizada. (BRAGA, 1989, p. 31)

Esta PC imprime ao enunciado nova direção argumentativa, com força ilocucionária altamente controladora da orientação, ancorando, assim, a angulação pretendida.

É essa multifuncionalidade das SCs na interdependência entre modalidades lingüísticas e gêneros textuais que motiva as questões exploradas neste artigo:

- (a) Que funções discursivo-argumentativas, lingüístico-cognitivas e textuais-interativas essas construções desempenham na fala e na escrita nos gêneros textuais aqui ilustrados (prosa acadêmica e debate eleitoral)?

(b) Nesses gêneros textuais, há construções que estão exibindo especialização funcional?

Quanto aos tipos de SCs, após ampla revisão da literatura (Braga, 1989, 1994, 1995, 1999; Kato et al., 1996; Perini, 1995; Azeredo, 1990; Neves, 2000; Mateus et al., 1983; Hopper, 2002; Callou et al., 1993; Leite e Callou, 1996), selecionamos cinco das seis alternantes de SCs examinadas por BRAGA (1999): Clivada (CLIVs: *Éisso que eu quero*), pseudoclivada (PC: *O que eu quero é isso*), *É Que (Você é que sabe)*, Foco Ser (Eles ficam *é com ciúmes*) e Construção Que (*Isso que é amor*). A sexta, Duplo Foco (*É a gente é que sofre*), não foi encontrada no universo pesquisado².

Neste artigo, por restrições de espaço, só incluímos os resultados relativos à prosa acadêmica e ao debate eleitoral. Apresentamos a descrição dos grupos de fatores paralelamente à discussão dos resultados e comentamos apenas alguns tipos de SCs e os fatores de ordem pragmática³.

2. Um exemplo de SCs na escrita: A prosa acadêmica

Em geral, as condições de produção⁴ da prosa acadêmica, assim como de grande parte de outros gêneros textuais da escrita, pressupõem, como considera ORLANDI (1993, p. 9), um leitor virtual inscrito no texto, constituído no próprio ato da escrita. Trata-se do leitor imaginário, aquele a quem o autor destina seu texto e para quem ele se dirige. Tanto pode ser um “cúmplice” quanto um “adversário”. Assim, quando o leitor real, aquele que lê o texto, se apropria do mesmo, já encontra um leitor aí constituído com o qual ele tem de se relacionar necessariamente. Via de regra, espera-se que o leitor virtual da prosa acadêmica tenha certo nível de escolaridade e razoável domínio da modalidade escrita em sua variedade formal. A prosa acadêmica, de certa forma, se dirige a um auditório especializado, capaz, no caso do nosso *corpus*, de compreender assuntos específicos do domínio da lingüística que pressupõem conhecimento compartilhado e familiaridade com a metalinguagem da área. Essas obras, não raro com circulação restrita ao meio acadêmico, são endereçadas a um público universitário. Os enunciadores desse *corpus*, por sua vez, são doutores com reconhecida competência nos meios acadêmicos, com larga publicação referenciada pela comunidade da área.

Aqui é importante salientar o caráter dialógico e polifônico de toda enunciação lingüística, em diferentes graus, de acordo com o gênero textual em que a trama discursiva se concretiza. No caso da prosa acadêmica, dadas as suas condições de produção, são muitas as vozes sociais⁵ que perpassam, explícita ou implicitamente, a tessitura enunciativa e com as quais o enunciador conta para defender seus argumentos, ou contra as quais ele se insurge para construir uma contra-argumentação, que funciona como contraponto para que, desse modo, possa marcar sua argumentação como a mais relevante, mais plausível ou mais fundamentada.

Eis aqui o perfil das obras que integram o *corpus* da prosa acadêmica:

- (a) O livro de MOLICA (1998), *Influências da fala na alfabetização*, composto de três partes, reúne reflexões que há muito a autora vem “desenvolvendo sobre a matéria de trabalho de pesquisadores, sob minha coordenação” (p. 9), e é mostra de língua formal padrão.
- (b) O livro de KOCH, *Argumentação e linguagem* (1996, p. 18), “consta de versões reelaboradas de versões apresentadas em congressos, artigos publicados em revistas especializadas e capítulos de nossa tese de doutorado”.
- (c) O livro de ORLANDI (1993), *Discurso e leitura*, é composto por uma coletânea de conferências, textos de abertura de mesas-redondas, seminários ou artigos publicados em revistas especializadas.
- (d) O livro de MARCUSCHI (2001), *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*, está dividido em duas grandes partes: na primeira, aparecem postulações teóricas acerca da relação fala/escrita; na segunda, há uma “série de sugestões para análise e tratamento da retextualização da fala para a escrita” (p. 10), em que são apresentados vários textos orais com diversas transformações para a escrita.

Como se vê, temos aí um primeiro grande problema: certamente, há, nessas obras, componentes de heterogeneidade tipológica, i.e., de um gênero com a presença de vários tipos textuais (narração, dissertação, descrição, exposição). A rigor, teríamos de subcategorizar o comportamento das SCs em função desses tipos textuais, tarefa esta que ultrapassaria o escopo de nossa análise. Dessas quatro obras, extraímos 299 ocorrências de clivagem. Em Orlandi e Koch, as clivadas são as mais freqüentes, com percentuais aproximados (50,42% e 58,8%, respectivamente); em

MARCUSCHI e MOLLICA preponderam as pseudoclivadas (51,6% e 54,5%, respectivamente).

Apresentamos, a seguir, os resultados relativos à frequência das SCs no gênero textual de prosa acadêmica escrita:

Tabela 1 - Tipo de construção clivada na prosa acadêmica

CLIV	PC	É QUE	FOCO SER	C. QUE
144/299 = 48,1%	105/299 = 35,1%	43/299 = 14,3%	5/299 = 1,6%	2/299 = 0,6%

O fato de a alternante clivada ser a mais freqüente pode ser, em parte, explicado pelas condições de produção da prosa acadêmica. Como esse gênero prioriza a construção de conhecimentos, existe a preocupação de se balizar os tópicos considerados relevantes para a compreensão de determinado conceito, noção / princípio teórico no ângulo de focalização do enunciador. Há, nesse gênero, citação de conceitos, análise de procedimentos metateóricos, reavaliação de resultados, discussão de pesquisas anteriores com as quais esse enunciador se identifica ou não e discernimento de tópicos relevantes para a compreensão de determinada teoria ou área de conhecimento, como se pode ver no exemplo a seguir:

(6) A análise feita vem ressaltar a importância de nos conscientizarmos da existência e do valor das marcas argumentativas implícitas nos textos, para permitir-nos detectá-las no discurso do outro, não nos deixando manipular por ele, e utilizá-las de maneira adequada no próprio discurso, dotando-o de maior poder de persuasão.

É por esta razão, também, que, no ensino da língua, leitura, compreensão, interpretação e redação necessitam ser trabalhadas em conjunto, se quisermos ampliar a capacidade de nossos alunos de interagirem socialmente por meio da linguagem verbal. (KOCH, 1996, p. 190)

A clivada aqui fornece um enquadramento temático do tópico que vinha sendo desenvolvido nos parágrafos anteriores e singulariza a razão em que se sustenta a condicionalidade apontada. Note-se que essa construção aparece em parágrafo que fecha longa explanação.

Em segundo lugar, temos a presença de construções pseudoclivadas na prosa acadêmica, cuja função principal é sinalizar, por parte do enunciador, a intenção de mostrar o próprio processo de elaboração (meta-enunciação) na busca da formulação mais precisa, dadas as características do discurso de divulgação científica e do grau de complexidade do tema. Não é por acaso que essa função está associada à natureza epistêmica dos verbos que aparecem nas *PCs*: quase sempre expressam atividade mental ligada à observação, à análise, à síntese, ao destaque, etc.

Na prosa acadêmica, há somente pseudoclivadas com *o que* [-humano] e não com *quem* [+humano], visto que, nesse gênero, essas construções são basicamente empregadas para focalizar porções textuais de natureza cognitivamente complexa, conhecimento teórico a ser destacado ou informação científica sobre situações ou eventos e não entidades humanas:

(7) **O que a escola faz, ao supor o grau zero, é utilizar um conhecimento prévio**, que o aluno tem, sem explicitar essa utilização. É responsabilizá-lo por uma certa forma de conhecimento. (ORLANDI, 1993, p. 48)

Com relação ao segundo grupo de fatores – funções discursivo-argumentativas das *SCs* – cabe esclarecer que a categorização a seguir detalhada advém de evidência empírica. Tais funções dizem respeito às relações de natureza argumentativa que uma *SC* pode construir tanto com a oração ou seqüência de orações que a precedem, quanto com a oração ou seqüência de orações que a sucedem na busca da adesão do enunciatário:

a) *Especificação*: A *SC* concorre para a descrição rigorosa e minuciosa de um atributo singularizante, extraído de um conjunto potencial de atributos. Essa é uma das funções do uso referencial das descrições definidas, que selecionam a parte singular, única, que constitui o referente do discurso, produzindo, então, um contraste particularizante:

(8) **É à descrição destas relações** – pragmáticas, ideológicas ou argumentativas – **que se dedicará a seqüência deste trabalho**, já que, entre elas, serão selecionadas aquelas que deverão constituir as principais categorias de análise de alguns textos que – em sentido estrito – se costumam denominar argumentativos. (KOCH, 1996, p. 34)

Note-se que, neste caso, a SC focaliza a parte que será enfocada, o escopo especial, mais relevante naquele ponto do discurso e que, portanto, define a seqüência textual.

b) *Delimitação*: A SC fixa uma restrição (um estreitamento) e impõe determinada esfera de domínio espaço-temporal, de ação ou orientação. Dessa forma, justifica-se a co-ocorrência de organizadores textuais. No caso da delimitação, não se escolhe / seleciona / recorta um conteúdo, mas uma orientação a ser seguida para o conteúdo já escolhido, concretizando um contraste por estreitamento de domínio, uma restrição do alcance da teoria para alertar o enunciatário quanto à limitação imposta por esse recorte teórico. É comum a SC focalizar um sintagma adverbial que define limites discursivos, expressões do tipo *nesse sentido, dentro desse campo, sob esse ângulo, somente* na sintaxe do discurso, etc:

(9) É nesse sentido que HALLIDAY (1973), ao imaginar um sistema capaz de explicitar tanto a estrutura do enunciado como o jogo da enunciação, define o texto como “realização verbal entendida como uma organização de sentido, que tem o valor de uma mensagem completa e válida num contexto dado”. (KOCH, 1996, p. 22)

(10) É a partir desse posicionamento que tentamos agora discutir algumas questões relacionadas ao assunto. (KOCH, 1996, p. 111)

c) *Justificativa/comprovação*: A SC introduz, apresenta ou aponta uma fundamentação através da qual o enunciador defende teorias, conceitos, propostas ou pontos de vista em desenvolvimento. O enunciador constrói discursivamente a orientação argumentativa que ele assume ou fornece provas factuais, razões, demonstrações em favor de uma tese, para asseverar a verdade de uma conclusão e sua relação necessária com as premissas postas:

(11) **É com base nestas afirmações que se pode dizer** que todo enunciado é sui-referencial e que a linguagem é representação 2 de representação 1, representação 2 utilizada numa acepção teatral, para designar os diferentes papéis distribuídos nas cenas dramáticas que são os atos de fala e cujo desempenho cabe aos interlocutores, através de um mascaramento recíproco que é parte constitutiva essencial do jogo argumentativo da linguagem. (KOCH, 1996, p. 24)

- (12) Gostaríamos ainda de dizer que as tipologias devem ser interpretadas, pois não são nem de elaboração nem de aplicação mecânica. A tipologia que propomos, como qualquer outra, tem sua aplicabilidade regulada pelos objetivos da análise em sua relação com a natureza do texto. **Se a elaboramos é por considerarmos que ela nos oferece uma perspectiva fecunda na exploração de características dos discursos e da ideologia.** (ORLANDI, 1993, p. 25)
- d) *Contraste*: A SC assinala o contrabalanceamento opositivo entre dois itens, indicando a preferência por um deles. O caráter contrastivo de um enunciado pode ser explícito ou implícito. Se explícito, há a presença dos dois membros da oposição; se implícito, apenas um elemento do par está presente. Essa oposição entre coisas ou pessoas em que uma faz com que a outra se sobressaia pode produzir efeitos retóricos de destaque de um dos membros do par opositivo (*não se nega a força, mas o tipo de força*):
- (13) De acordo com RAJAGOPALAN (1983a), somos de opinião que, em frases como: Eu não ordeno que você faça isso, o falante não está absolutamente negando a força ilocucionária em si mesma do ato de fala, mas tentando, justamente, explicitá-la, no sentido de que não se trata de um ato de ordem (mas de uma “não-ordem”, segundo o autor). Acharmos, pois, que **não é a força que se nega**, mas o tipo de força. (KOCH, 1996, p. 91)
- e) *Constatação*: A SC aponta a explicitação do ponto de vista do enunciador, naquele ponto discursivo.
- (14) **O que gostaria de acrescentar** – e esta é a contribuição específica que trago para esta discussão – **é que o espaço de leitura escolar exclui da sua consideração o fato de que o aluno convive em seu cotidiano com diferentes formas de linguagem.** (ORLANDI, 1993, p. 38)

A SC aqui provoca um corte no fluxo discursivo e marca a presença de subjetividade do enunciador no enunciado, como sugere HOPPER (op. cit.). O enunciador explicita uma perspectiva auto-referenciada do que ele considera importante destacar em certo ponto do fluxo discursivo. Esse corte interrompe o fluxo, suspendendo o enunciado anterior, com o qual o enunciado introduzido pela PC mantém uma relação argumentativa de contrajunção, deslizamento ou explicitação (no caso em ques-

tão, de explicitação), instaurando um diálogo polifônico entre as concepções de leitura correntes e aquela da perspectiva da análise do discurso por ela adotada. Essa *PC* explicitadora guarda semelhanças com as orações principais das subordinadas substantivas subjetivas e objetivas diretas: são atos preparatórios, modalizações de um conteúdo proposicional em destaque. A diferença é que, no caso das subjetivas, há o apagamento de um enunciador específico, substituído por uma voz “imparcial e isenta”: trata-se de uma argumentação fundada na suposta universalidade dessa voz autorizada a dizer o que diz, sem se mostrar; nas pseudoclivadas, o enunciador assume explícita, clara e ostensivamente seu ponto de vista, sem abdicar de sua subjetividade, construindo um “eu” discursivo e lingüístico, uma argumentação fundada na voz qualificada pelo próprio discurso. A interrupção do discurso, provocada pela *PC*, para pontualizar um conteúdo que o falante considera mais relevante, está diretamente relacionada ao fenômeno geral da clivagem, uma vez que este provoca um impacto de atenção devido à marcação, no enunciado, de um ponto de saliência que o falante quer destacar, apresentando imbricações com a funcionalidade da dêixis ostensiva, mostradora. Essa centração no ponto de vista do enunciador, ao explicitar seu posicionamento discursivo-argumentativo, revela o traço de subjetividade comum a todas as sentenças clivadas. No nível cognitivo-interacional, esse tipo de *PC* é um poderoso mecanismo para alertar o enunciatário para um ponto importante (na visão do enunciador) que vem a seguir, demarcando um espaço discursivo para estabelecimento de coordenadas de interpretabilidade.

f) *Deslizamento argumentativo*: A *SC* provoca uma separação, uma espécie de disjunção que faz um enunciado quebrar o fluxo discursivo e se dirigir para outra direção argumentativa.

(15) Não estamos com isso propondo que se entregue o projeto pedagógico ao espontaneismo das relações já estabelecidas pelo aluno. Mas tampouco aceitamos a imposição (onipotente) do controle total exercido pela autoridade escolar. ***O que se propõe é uma relação dialética entre aprendiz e professor na construção do objeto de conhecimento, no caso presente, a leitura.*** (ORLANDI, 1993, p. 40)

Veja-se, neste exemplo de *PC*, a apresentação contrastiva de um tópico que concretiza diferentes posições enunciativas para marcar perspectivas discursivas. Essa heterogeneidade mostrada é responsável pela

projeção de mais de uma voz enunciativa em dado recorte discursivo, constituindo-se em um modo específico de representação da enunciação no enunciado, com a finalidade de inverter a direção argumentativa, num jogo polifônico de natureza pragmática.

Pode-se falar, neste caso, de um deslizamento argumentativo em que a *PC* funciona como uma espécie de disjuntor que faz um enunciado deslizar para outro, com orientação discursiva diferente em que o segundo realiza a(s) seguinte(s) função(ões): provocar uma espécie de separação, saída de rota, com conseqüente quebra/ruptura do fluxo discursivo; concretizar um afastamento da direção discursiva anterior, reorientando esse fluxo discursivo; matizar uma enunciação anterior, polifonicamente instaurada no enunciado; provocar um ajustamento do foco do conteúdo proposicional, com vistas à nova orientação; contrastar, com a anterior, essa nova orientação, de forma a torná-la mais argumentativa e relevante.

g) *Contrajunção*: A *SC* aponta uma contra-expectativa, uma orientação argumentativa diferente da que vinha sendo projetada. O enunciador discorda de outras vozes polifonicamente instauradas no texto, negando o ponto de vista em foco, questionando a incongruência ou “absurdo” de certos postulados consensuais ou, ainda, sinalizando perplexidade diante de fatos inexplicáveis para ele.

(16) Quanto à importância do contexto, não há o que objetar: já se disse que é este, em grande número de casos, que determina a interpretação que se deve dar à força (excluindo fl). **Discordamos é do pressuposto teórico adotado pelo autor**, que confere lugar privilegiado ao papel comunicativo da língua natural, ou seja, segundo o qual “o estudo da Pragmática se situa numa área muito mais vasta que é a da comunicação”. (KOCH, 1996, p. 98)

h) *Qualificação*: A *SC* pode conferir um valor atributivo ao SN sujeito, identificando-o como o responsável ou apto a realizar determinada atividade; distinguindo-o dentro de um conjunto, destacando-o ou classificando-o em uma categoria, redundando em adjetivação ou atributo predicativo. Nesse caso, a *SC* focaliza o termo qualificado (*Paulo Leite*) enquanto a *S-CI* (a sentença menos o constituinte focalizado, *quem vai fazer a pergunta*) é responsável pela manifestação do atributo qualificante, contextualizado pela pré-seqüência discursiva. Em muitos casos, como no debate eleitoral, por exemplo, temos uma espécie de ato de

investidura de um sujeito que passa a assumir (ou torna-se apto) a realizar determinada tarefa:

(17) Agora vamos à segunda pergunta. O eleitor é **Paulo Leite quem vai fazer a pergunta** e o tema é aposentadoria. (DEBATE ELEITORAL, 2002)

Observe-se, neste exemplo, a diferença entre *o eleitor Paulo Leite vai fazer a pergunta* e *o eleitor é Paulo Leite quem vai fazer a pergunta*. Na SC o termo focalizado está sendo destacado de um grupo e qualificado/selecionado como o interlocutor preferencial.

Temos aqui, então, os resultados para esse grupo de fatores:

Tabela 2 - Funções discursivo-argumentativas das SCs na prosa acadêmica

FATORES	CLIV	PC	É QUE	FOCO SER	C QUE
Especificação	61,9%	-	19,7%	16,6%	50%
Delimitação	22,4%	-	2,8%	-	-
Justificativa	13,8%	-	6,4%	33,3%	-
Contraste	0,9%	-	45,4%	-	50%
Constatação	-	64,5%	-	-	-
Deslizamento arg	-	6,3%	-	-	-
Contrajunção	0,9%	22,8%	14,7%	50,0%	-
Qualificação	-	6,5%	-	-	-

Essa tabela mostra-nos que cada alternante de SC parece desempenhar preponderantemente uma função discursivo-argumentativa, mas é bom verificar que essas alternantes assumem diferentes funções, a depender da porção textual e do gênero textual em questão. Na prosa acadêmica, as CLIVs exercem a função discursivo-argumentativa de especificação (61,9%), seguida de delimitação (22,4%); as PCs, a constatação (64,5%), seguida de contrajunção argumentativa (22,8%); as construções *É Que*, contraste (45,4%), seguido de especificação (19,7%); Foco Ser, contrajunção argumentativa (50%).

Como esclarecemos em relação às funções discursivo-argumentativas, também as funções meta-enunciativas ou textuais-interativas emergiram do exame de nossos dados. As meta-enunciativas referem-se a processos discursivos, no nível da enunciação, que deixam à mostra as características dialógicas da língua. As SCs, nesse aspecto, preparam terreno para a pontualização do tópico/subtópico, criando coordenadas textuais para

facilitar a compreensão, resultando daí um embricamento com funções lingüístico-cognitivas. Assim, essas sentenças, além de desvelarem o próprio processo de elaboração do texto, funcionam como pontos de ancoragem para a informação posterior, revelando momentos de envolvimento do enunciador. Por serem marcas recorrentes na estruturação tópica, participam da propriedade geral de organização do discurso e instauram um jogo de vozes polifonicamente engendradas pela enunciação. Para dar conta desses aspectos, levamos em conta os seguintes fatores:

a) *Delimitadores de domínio*: Referem-se ao conteúdo tratado, à teoria, portanto, a um espaço cognitivo:

(18) Ver na fecundidade do autor, na multiplicidade de comentários e no desenvolvimento de uma disciplina recursos infinitos para a criação dos discursos é um hábito e tem suas razões. Mas para se apreciar seu papel positivo e multiplicador, é preciso se levar em consideração, também, sua função restritiva e coercitiva **Nesse sentido é que trazemos para a reflexão o princípio da autoria.** (ORLANDI, 1993, p. 61)

b) *Organizadores/sinalizadores textuais*: São responsáveis pelo mapeamento da materialidade lingüisticamente construída no enunciado pelo jogo da enunciação, incluindo-se aqui os dêiticos discursivos. Este fator se refere ao espaço textual, organizando a seqüencialização e sucessão de informações na progressão textual. Nesse sentido, os pronomes, focalizados por SCs, dada a sua função dêitica apontadora de porções textuais, são aqui considerados organizadores/sinalizadores textuais.

(19) Em suma, o que se vai encontrar **aqui** é um conjunto de observações e análises ao lado de uma série de sugestões de trabalho e pesquisa na área da oralidade e escrita, dentro de um quadro teórico que busca respeitar as práticas lingüísticas como práticas sociais em que estão sempre envolvidos seres humanos em carne e osso empenhados em solucionar problemas de toda ordem. (MARCUSCHI, 2001, p. 10).

c) *Metaformativos*: Comentam a atitude subjetiva do enunciador com relação ao enunciado, sinalizando aceitabilidade, adequação ou responsabilidade pela seleção / escolha da porção textual focalizada. As SCs podem funcionar como comentários metacomunicativos (cf. BRAGA, 1989). A maneira pela qual o enunciador sinaliza como o seu discurso deve ser entendido é reforçada pela co-ocorrência de articuladores textuais. Além disso, há sentenças clivadas que focalizam vozes de outros

enunciadores, concorrendo para instaurar uma heterogeneidade de vozes, balizando o espaço de outros saberes para engendrar o embasamento teórico do texto, com o objetivo de focalizar uma polifonia enunciativa com a emergência de pontos de vista de enunciadores distintos, argumentativamente incorporados pelo enunciador. Nesse sentido, a clivagem ressalta o ponto de ruptura da voz discursiva, provocando um estilhaçamento no enunciado e uma fragmentação discursiva. Subdividem-se em:

c1) *Marcas da presença do enunciador*: Trata-se de intromissões do enunciador que resultam em recortes enunciativos com suspensão momentânea do fluxo:

(20) **O que é certo é que, em todos os exemplos acima, não é possível falar em orações independentes.** Daí a justeza da observação de Borba: “A enunciação, porém, consta de uma seqüência de orações encadeadas e, psicologicamente, interdependentes”. Só faríamos restrição ao termo “psicologicamente”: elas são semântica e pragmaticamente interdependentes. (KOCH, 1996, p. 115)

c2) *Marcas de polifonia* (vozes contra-argumentativas): Apontam a presença de argumentos que rebatem vozes de outros enunciadores apresentadas anteriormente. Incluem-se aí os embates discursivos, retóricos ou não, no jogo de refutações e contestações.

(21) Em suma, o que conhecemos não são nem as características da fala como tal nem as características da escrita. **O que conhecemos são as características do sistema normativo da língua.** (MARCUSCHI, 2001, p.34-35)

Note-se a estruturação contra-argumentativa desta construção com elaboração de estrutura binária em que o argumento do enunciador (E1) é mais forte do que a dos enunciadores genéricos a que se contrapõe, numa escala argumentativa para apresentar o argumento mais forte. A voz desse E1 se opõe a vozes anteriores, presentes no texto, e ao senso comum de parte da coletividade.

Tabela 3 - Funções meta-enunciativas (ou textuais-interativas) das SCs na prosa acadêmica

FATORES	CLV	PC	É QUE	FOCO SER	C. QUE
Delimitador domínio	38,4%	-	41,8%	-	-
Organizador textual	38,2%	24,4%	9,1%	-	-
Marca do enunciador	18,3%	43,4%	28,0%	50,0%	100%
Marca de polifonia	4,8%	31,3%	20,9%	50,0%	-

Quanto às funções meta-enunciativas ou textuais-interativas, as *CLIVs* atuam preferencialmente como delimitadoras (38,4%) e organizadoras textuais (38,2%); já as *PCs*, como marcas do enunciador no enunciado (43,4%); *É Que*, como delimitadoras textuais (41,8%) e *Foco Ser*, tanto como marcas do enunciador no enunciado quanto como na instauração de marcas de polifonia (vozes discursivas), com (50%).

Assim, através de características morfossintáticas e textuais, é possível perceber funções discursivas e retóricas, com o objetivo de levar o enunciatário a aceitar a argumentação, a desvelar o discurso citado ou relatado com os quais são construídas metadiscursivamente as posições enunciativas em embate na trama discursiva da prosa acadêmica.

As *PCs* explicitam certa posição teórica assumida pelo enunciador, após apresentação de discussões, pontos de vista convergentes ou divergentes, vozes sociais; tornam claras no enunciado opiniões que se confrontam com vozes autorizadas, com o senso comum ou com o saber já cristalizado; marcam um deslizamento argumentativo em que o enunciador corta o enunciado para desenvolver uma argumentação que, apesar de apresentar pontos de contato com a voz anterior, toma outra direção, construindo nova orientação a partir da qual será desenvolvida uma dada tese. Assim, quando predomina a função discursivo-argumentativa de constatação, as funções meta-enunciativas de organização textual e as marcas da presença do enunciador no enunciado tornam-se indicadoras dessa constatação no enunciado. No caso das contrajunções e deslizamento argumentativo, tem-se a função meta-enunciativa de heterogeneidade mostrada ou constitutiva, responsável pela polifonia argumentativa que revela o embate entre vozes dissonantes.

Nas clivadas, predominam as funções discursivo-argumentativas de delimitação e especificação, co-ocorrentes com as funções meta-

enunciativas de delimitadores e organizadores textuais. Há um grande número de clivadas focalizando pronomes demonstrativos anafóricos e dêiticos (inclusive com mostração dêitica), produzindo um texto altamente coeso, amarrado, bastante sinalizado discursivamente. A razão para tal procedimento reside no fato de se estar tratando de conhecimentos teóricos de natureza complexa, exigindo que o enunciador oriente o olhar do enunciatário.

3. Um exemplo da clivagem na fala: O debate eleitoral

O debate realizado no dia 25/10/02 pela Rede Globo de Televisão apresenta certas características inovadoras na história da mídia televisiva brasileira, embora seja uma transposição adaptada do modelo americano. Os candidatos à presidência da República ficaram livres, em um espaço circular, à frente de uma platéia que, segundo a emissora, foi selecionada através de sorteio, e, enquanto um deles respondia às questões, o outro pôde aproximar-se de quem falava, para pressionar, pela presença física, o discurso do oponente. Além disso, as perguntas foram sorteadas de um conjunto de questões que, de acordo com o apresentador do debate, William Bonner, foram as mais destacadas por aqueles que enviaram correspondência à emissora. Esse entrevistador/mediador, sempre que quis (quando ele considerou que algum ponto não tinha ficado claro ou merecia ser aprofundado), pôde fazer mais perguntas aos candidatos, como se fosse a voz da réplica da platéia (esta só poderia fazer a pergunta e ficar calada, sem direito à réplica). O ritual desenvolvido, então, foi o seguinte: o mediador sorteava primeiro um tema, depois um candidato e, a seguir, um eleitor indeciso da platéia selecionada para fazer a pergunta ao candidato. Este tinha dois minutos para responder à pergunta lida pelo espectador; o não sorteado tinha um minuto para comentar a resposta dada; o primeiro, mais um minuto para a tréplica.

Houve, portanto, forte tensão, devido ao grau de expectativa do assunto a ser tratado, à pergunta a ser formulada, à exigüidade do tempo para a resposta (quando o candidato ultrapassava o limite de tempo, o mediador chamava-lhe a atenção), à presença da platéia e do mediador e, finalmente, devido à postura ostensiva de um adversário que, atentamente (às vezes, os dois pareciam se desafiar, olhando-se nos olhos), pro-

curava descobrir falhas na argumentação, lacunas nas informações, inconsistências nos dados, imprecisão ou indecisão nas respostas para poder atacar a face do interlocutor.

Em decorrência dessas condições de produção, há um grande número de expressões formulaicas tanto clivadas quanto pseudoclivadas, que cumprem a função de, com a estrutura pronta, dar partida rápida à argumentação ou contra-argumentação, fazendo com que o locutor ganhe tempo e proteja a face.

Por outro lado, as sentenças clivadas funcionam como expressões incisivas que proporcionam ao locutor demonstração de segurança, controle da situação e certeza absoluta da informação fornecida, como se quisesse dizer ao adversário que sua fala é inquestionável e inatacável. Além disso, a força persuasiva dessas construções passa para a platéia a imagem de um candidato que sabe lidar com situações difíceis, tensas, com desenvoltura, equilíbrio, auto-suficiência, raciocínio rápido, qualidades que os candidatos consideram que a platéia espera encontrar neles. Há também razoável número de perguntas retóricas, que funcionam ou como antecipações a possíveis questionamentos do adversário (ou ao que o locutor julga que a platéia poderia estar pensando) – verdadeira estratégia de antecipação – ou como estratégia para responder àquilo que ele, locutor, considera mais importante para a construção da sua imagem ou para aquele tema em que está mais preparado ou, ainda, sobre aquele tema de que dispõe de maior número de dados – verdadeira estratégia de gatilho.

É de se notar, mais uma vez, que os pontos em que as construções clivadas ocorrem não são aleatórios, uma vez que coincidem com momentos de extrema importância para a argumentação e alta tensão discursiva, como se pode comprovar através da análise do *corpus*. É imprescindível frisar, ainda, que, como prova da força argumentativa das sentenças clivadas, nesse debate sobressaem as pseudoclivadas com função de deslizamento argumentativo e contrajunção com que os candidatos se embatem. Também fundamentais são as clivadas que fecham a argumentação, como estratégia para atribuir força incisiva às justificativas e especificações com que o locutor se habilita, através do discurso a ser o escolhido. Vejamos, então, os resultados para este gênero textual da fala:

Tabela 4 – Tipo de construção clivada no debate eleitoral

CLIV	PC	É QUE	FOCO SER	C. QUE
21/78=26,9%	35/78=44,8%	11/78=14,1%	4/78=5,1%	7/78=8,9%

A Tabela 4 mostra-nos a supremacia das *PCs* (44,8%), seguidas de *CLIVs* (26,9%), de construções *É Que* (14,1%), *Construções Que* (8,9%). Em último, as construções *Foco ser* (5,1%). As *SCs*, neste debate, funcionam como marcas de refutação às idéias do oponente, viabilizando a presença de expressões de opinião que concretizam esse confronto de idéias, através da exposição de pontos de vista fundamentados em uma argumentação selecionada pelo locutor. Há duas *Construções Que* comprovadoras de nossa hipótese de que essas sentenças, na fala, constituem clivadas com apagamento da cópula:

(22) Eu que respondi sobre inflação. (José Serra)

(23) Você então cria uma política de educadores para reforçar essa criança dentro da sala de aula e fazer com ela no mesmo ano letivo acompanhe o restante da sala. **Só isso que eu falei.** (Lula)

Há um exemplo de pseudoclivada que apresenta uma formulação bastante diversa de uma *PC* da escrita: nela existe a presença do indeterminador “a gente”, o emprego da expressão cristalizada “tem que” e o uso de uma expressão nominal de significado inespecífico (nome genérico que funciona como hiperônimo de um conjunto aberto, impreciso e vago). Dadas as condições de produção das duas modalidades, a escrita tende a rejeitar esse tipo de referenciação, enquanto na fala ela é freqüente, embora seja evitada em gêneros textuais que exigem registros formais. Na fala, a vaguidão desses nomes pode ser compensada pela situação extralingüística, o que não acontece na escrita:

(24) **O que a gente tem que fazer é outra coisa.** É aperfeiçoar esse processo. Nós não podemos jogar fora a criança junto com a água do banho. Tem uma boa idéia, não funciona como se pretendia no início. Pega e joga fora? (Serra)

Veja-se uma pseudoclivada que ocorre no momento de dificuldade de processamento de um dos candidatos (note-se mais uma vez a indeterminação do sujeito sem a marca de indeterminação):

(25) Bom, que é apenas de sete reais por pessoa [A bolsa família]. O que percebe que não dá pra alimentar as pessoas. É... Sete reais por mês.

Olha... o que... o que precisa compreender é que eu não quis confundir programa social com políticas de direito. (Lula)

A *PC* é uma construção que se concretiza como uma janela aberta em duas direções (uma *Janus construction*, nos termos de HOPPER, 2002), executando um movimento prospectivo à medida que prepara uma determinada orientação argumentativa, e retrospectivo, à medida que instaura uma reação de retorno aos discursos que a precedem ou aos argumentos que lhe servem de partida para sustentação ou refutação. Desse último aspecto, ressalta a natureza dialógica e polifônica das pseudo-clivadas em que o enunciador por vezes se identifica e assume as vozes de outros enunciadores, por vezes a elas se contrapõe, desvelando a heterogeneidade constitutiva do ato lingüístico como verdadeira atividade de interação e co-produção discursiva.

Tabela 5- Funções discursivo-argumentativas das SCs no debate eleitoral

FATORES	CLIV	PC	É QUE	FOCO SER	C QUE
Especificação	21=42,8%	-	4/11=36,3%	-	5/7=71,4%
Delimitação	21=9,5%	-	-	-	-
Justificativa	10/21=47,6%	-	4/11=36,3%	2/4=50%	-
Contraste	-	-	3/11=27,2%	-	1/7=14,2%
Constatação	-	5/35=14,2%	-	1/4=25%	-
Deslizamnto arg.	-	9/35=25,7%	-	-	-
Contrajunção	-	8/35=22,8%	-	1/4=25%	1/7=14,2%
Qualificação	-	13/35=37,1%	-	-	-

A Tabela 5 revela que as *CLIVs*, na fala, apontam resultados diferentes em relação à escrita: há uma aproximação entre justificativas (47,6%) e especificação (42,8%). As *PCs* revelam predomínio de qualificação (37,1%), seguida de deslizamento argumentativo (25,7%) e contrajunção (22,8%). Nas construções *É Que*, especificação e justificativa se igualam (36,3%). Já *Foco Ser* mantém a tendência: predomínio de justificativa (50%), seguida de contraste (25%) e especificação (25%). Nas *Construções Que*, prepondera especificação (71,4%), como em:

(26) Só isso que eu falei. (Lula)

O considerável número de *PCs* qualificadoras no *corpus* (treze ocorrências), suplantando a contra-argumentação, deve-se ao fato de que essa

estrutura qualificadora foi utilizada como expressão recorrente pelo mediador para indicar o espectador que faria a pergunta ao candidato (dar a palavra a quem tinha direito ao turno segundo as regras, um tipo de expressão formulaica), o que enviesa o resultado. Há três pseudo-clivadas com apagamento:

- (27) Governar não é uma coisa que a gente resolve de uma hora pra outra. É importante é fazer. O importante não é só criticar. **O importante é fazer acontecer.** (José Serra)
- (28) Bom, que é apenas de sete reais por pessoa [A bolsa família]. **O que percebe que não dá pra alimentar as pessoas.** É... Sete reais por mês. Olha... o que... o que precisa compreender é que eu não quis confundir programa social com políticas de direito. (Lula)
- (29) Aliás, só pra te lembrar, em Santo André tem um projeto de urbanização de uma favela que está entre os cinco melhores projetos do mundo considerados pela ONU, **mas o mais importante mesmo é que mesmo a favela num lugar bom a gente vá construindo habitação e substituindo os barracos.** (Lula)

Note-se que as três são contra-argumentações a falas anteriores. O exemplo (29) aparece com os intensificadores *mais* e *mesmo*, com valor enfático; o (28) é um interessante caso de formulação em que: a) o apagamento é somente da cópula; b) não fica clara a formulação quanto ao sujeito da construção: seria *O que se percebe* ou *O que percebemos*? Esta é uma tendência da fala em certos contextos: o sujeito indeterminado na 3ª. pessoa do singular sem a marca formal de indeterminação.

Há uma seqüência de *CLIVs* em que Lula, de forma incisiva e peremptória, ataca a política econômica em vigor, como se tentasse com golpes sucessivos nocautear argumentativamente o adversário, deixando-o sem saída:

- (30) **É por isso que o Brasil tem pouco dinheiro para investimento.**
É por isso que não se resolve o problema habitacional.
É por isso que a saúde está vivendo um drama enorme.
É por isso que a educação não tem boa qualidade. (Lula)

Existe neste *corpus* um emprego interessante da *Construção Que*: aparece focalizando uma pergunta retórica em que o candidato formula a questão para ele mesmo responder, construindo uma interlocução consigo mesmo. É um habilidoso artifício para abrir caminho para o que ele

deseja responder, independentemente do que foi perguntado. É importante notar que algumas são interrogativas diretas, outras são interrogativas indiretas, num jogo de processamento da própria fala, ora abertamente, ora dissimuladamente, como em:

(31) As pessoas pagam e depois têm que pagar dentista particular, escola particular. **O que que eu acho que tem que ser feito definitivamente no Brasil?** Nós temos que fazer uma reforma tributária e o Presidente da República tem que ser o condutor, o maestro. (Lula)

Ao ser perguntado sobre a redução de impostos, um dos candidatos disse que todos os políticos se apresentam favoravelmente à redução. E de questionado, passa a questionador, ao utilizar uma *Construção Que*, focalizando o absurdo, o incongruente, o inexplicável:

(32) Olha, meu querido, você imagina qualquer candidato que viesse aqui, tivesse trinta candidatos aqui e você fizesse essa pergunta, todos iam falar: “Nós somos favoráveis à redução de impostos. **É de se perguntar por que que não se faz.** E não se faz porque muitas vezes a elite brasileira não gosta de pagar imposto. (Lula)

Há uma pseudoclivada que é um momento de incoerência de um dos candidatos, já que, após afirmar que “não é por nada não”, ele apresenta uma longa lista de produtos afetados pela elevação do dólar:

(33) **Neste momento o que tá pressionando os preços é o preço do dólar, porque o dólar não é por nada não**, mas implica trigo que é importado, implica petróleo, acaba aumentando a gasolina, acaba aumentando o preço da farinha e aí pega no pão, pega no macarrão, pega no biscoito. Essa é a questão crítica do momento hoje. (José Serra)

O predomínio de PCs com focalização de informação nova e continuidade de subtópico está relacionado às funções argumentativas de contrajunção e deslizamento argumentativo: o enunciador questiona a eficácia da argumentação do adversário e apresenta a sua, com argumentos que tomam nova direção:

Tabela 6 – Funções meta-enunciativas das SCs no debate eleitoral

FATORES	CLIV	PC	É QUE	FOCO SER	C. QUE
Domínio	-	-	-	-	-
Organ. textual	14/21=66,6%	-	6/11=54,5%	-	1/7=14,2%
M.enunciador	7/21=33,3%	18/35=51,4%	5/11=45,4%	3/4=75%	5/7=71,4%
M.polifonia	-	17/35=48,5%	-	1/4=25%	1/7=14,28%

A Tabela 6 apresenta-nos as *CLIVs* com predomínio da função de organização textual (66,6%), seguida das marcas do enunciador (33,3%). As *PCs*, por sua vez, devido às funções discursivo-argumentativas, trazem um equilíbrio entre marcas do enunciador (51,4%) e marcas de polifonia (vozes contra-argumentativas, 48,5%). Em *É Que*, predomina a função de organização textual (54,5%). Já em *Foco Ser*, prevalecem as marcas do enunciador (75%), o mesmo ocorrendo com as *Construções Que* (71,4%). A *PC* abaixo merece comentários:

- (34) Ele tem proposto aumento de 100% real em quatro anos, o que eu, evidentemente, se tiver dinheiro, a gente faz. **O que eu tô propondo é o que eu garanto que nós vamos fazer.** Isto para chegar a R\$300,00 eu vou dar agora um aumento que já vai elevar acima de R\$220,00. (José Serra)
- a) ela se confunde com uma *PC Reversa*⁶, parecendo uma construção circular. Há, no entanto, um critério que permite distinguir, nesse tipo de construção, *PC* e *PC Reversa*: a natureza do primeiro verbo. No caso acima, dada a natureza e a recorrência do verbo propor, consideramos que a *PC* não é reversa;
 - b) esse exemplo é um dos casos mais prototípicos da subjetividade do enunciador, assumindo o enunciado e a enunciação.

4. Conclusão

Dos muitos pontos instigantes que aqui poderíamos ressaltar, optamos por apresentar aspectos relativos à especialização funcional de subtipos de *SCs*. Os resultados gerais fornecidos pelo exame dos *corpora* da fala e da escrita com que trabalhamos (ver nota 2) se confirmam nos dois gêneros textuais aqui ilustrados:

- (1) Alguns dos subtipos das SCs estão exibindo especialização funcional em diferentes gêneros, tanto na modalidade escrita quanto na falada;
- (2) as SCs não são marcas típicas da oralidade: algumas construções, dadas as condições de produção textual de cada modalidade, ocorrem mais na escrita ou na fala;
- (3) existe uma variedade de sentenças clivadas ainda não pesquisadas no português brasileiro e que já está registrada na análise geral de todos os *corpora* com que trabalhamos, mas que aqui apresentamos sumariamente neste recorte:

No debate eleitoral, *É Que* funciona como um tipo de interrogativa retórica para destacar o absurdo, o incongruente ou uma estratégia do locutor para introduzir um assunto sobre o qual este se considera mais apto a discorrer ou que julga ser mais forte para a sua eficácia argumentativa.

Confrontem-se os exemplos a seguir:

- (35) **É de se perguntar por que que não se faz.** (Debate à presidência da República, 2º turno)
- (36) **O que que eu acho que tem que ser feito definitivamente no Brasil?** (Debate à presidência da República, 2º turno)
- (37) **Candidato José Serra, como é que se combate a criminalidade numa favela de 200 mil habitantes?** (William Bonner, debate à presidência da República)

Na prosa acadêmica, registram-se dois subtipos de construções clivadas, embora pouco freqüentes. Uma delas é a CLIV por Extraposição⁷, recurso mais utilizado com uma construção *Foco Ser*:

- (38) Em termos de significação, verifica-se aí o processo de sedimentação de sentidos: é porque são lidos de uma certa forma e compreendidos de uma maneira determinada que os sentidos adquirem unidade, têm um uso comum. (ORLANDI, 1993, p. 90)

O segundo subtipo é a *Clivada propriamente dita*, sobre a qual é necessário tecer um comentário. KATO et al. (1996, p. 309) consideram a CLIV *stricto sensu* somente aquela com concordância. Para os autores, em *É os meninos que vai comigo* temos um exemplo de *CLIV-é que invariante*, não encontrado em todos os gêneros textuais da fala e da escrita que examinamos. Neles, são bastante raras as clivadas com a cópula variante (*São os*

meninos que vão comigo) o que nos autoriza a afirmar que as clivadas *stricto sensu* são aquelas que focalizam constituintes neutros, sem marca de plural, abundantes nos *corpora* do universo analisado. Na prosa acadêmica, registramos, ainda, um dos raros casos de *CLIV* com cópula variante e outros com cópula invariante, como é a tendência atual dessa alternante de SCs:

- (39) São esses os pontos que mantenho no percurso que aqui apresento no estudo da leitura. (ORLANDI, 1993, p. 8)
- (40) **É com base em tais modelos, por exemplo, que se levantam hipóteses, a partir de uma manchete;** que se criam expectativas sobre o campo lexical a ser explorado no texto, que se produzem inferências que permitem suprir as lacunas ou incompletudes encontradas na superfície textual. (KOCH, 1998, p. 27)

De um modo geral, os resultados relativos a todos os gêneros textuais da fala e da escrita por nós trabalhados, confirmam nossa hipótese central de que a multifuncionalidade da clivagem, ao operar cortes meta-enunciativos no fluxo discursivo, atua em diferentes domínios na territorialidade textual:

- no argumentativo, instaurando uma orientação discursiva, marcando o ponto de vista que o enunciador deseja pontuar;
- no cognitivo, facilitando o processamento da informação ingressante, mapeando, nos sucessivos estágios de formulação, os encapsulamentos de tópicos e subtópicos tidos como relevantes, criando coordenadas discursivas, que atuam como pontos de ancoragem para o encadeamento retrospectivo e prospectivo das informações;
- no interacional, sinalizando para o enunciatário quais são as porções textuais focais que guardam estreita correspondência com os objetivos discursivo-pragmáticos da enunciação.

A clivagem aparece em pontos do discurso com tensão comunicativa, proeminência informativa e força pragmática, quando o enunciador apresenta a parte da mensagem considerada por ele como central para o processamento cognitivo do enunciatário. Opera, assim, no texto a construção de momentos de focalização e de identificação enunciativa, constitutivos do espaço e do tempo no apontamento da informação que vai estabelecer o enquadre dentro do qual a linha argumentativa será

definida. É por isso que, na prosa acadêmica, junto com as clivadas co-ocorre um grande número de expressões metadiscursivas e metaformulativas (*com razão, neste contexto, por esta razão, nesse sentido, com base nestas afirmações, por meio delas, sob esse aspecto, sob esse ângulo, a partir delas*, etc): uma das principais motivações discursivas para essa combinação é orientar a leitura, destacando determinado aspecto, dirigindo o olhar do enunciatário, constituindo-se, portanto, em uma função importante no processamento lingüístico-cognitivo.

A clivagem, como um fenômeno lingüístico que marca a presença do enunciador no enunciado, pode ser considerada um procedimento que deixa à mostra a inevitável correlação entre posições discursivas implícita ou explicitamente formuladas. Essas descobertas vêm reforçar a nossa tese de que nenhum dos tipos de SCs constitui expressões de realce ou expletivas, nem falhas estruturais, nem, tampouco, versões desviantes de uma construção completa ou canônica, uma vez que se trata de mecanismos constitutivos dos efeitos de sentido intencionados pela enunciação. Por fim, nossas evidências extraídas de diferentes gêneros textuais da fala e da escrita revelam que todas as alternantes de SCs exibem caráter particularizante, o que explicaria o efeito contrastivo como uma das características gerais do fenômeno da clivagem.

Notas

¹ Este artigo é parte da tese de doutoramento de Manoel de Carvalho Almeida, orientada por Roncarati e defendida em 2003 no Programa de Pós-Graduação de Letras da UFF.

² O universo da nossa tese incorpora gêneros textuais da fala e da escrita, dos quais foram extraídas 1054 ocorrências de clivagem. Nossa database é constituída de cinco gravações do *Banco Interacional de Dados* (RONCARATI, 1996) de fala espontânea, em estado bruto e sem monitoramento que apresentam muitas solicitações de informação e explicação; uma gravação em vídeo do debate do segundo turno das eleições presidenciais de 2002, *corpus* da fala que tem maior pressão discursiva, dadas as condições de produção desse evento, bastante enfatizado pela mídia como um debate histórico da conjuntura política do país; vinte entrevistas editadas do *Jornal do Brasil* e d' *O Globo* com políticos, personalidades jurídicas, dirigentes de órgãos públicos ou privados e escritores, focalizando assuntos polêmicos na mídia; quatro livros, por inteiro, de autores incluídos em nossa revisão da literatura (KOCK, 1996; MARCUSCHI, 2001; MOLLICA, 1998; ORLANDI, 1993). Reunimos, ademais, um conjunto de gêneros textuais que compartilham o mesmo suporte: vinte artigos de opinião, vinte reportagens, vinte crônicas e quarenta cartas do leitor d' *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *O Dia* e da *Folha de São Paulo*. Incluímos, ainda, um *corpus* do domínio literário: vinte poemas e vinte contos/fragmentos

de romances. Por fim, examinamos quarenta redações de alunos do Ensino Médio, do Colégio Pedro II e de escolas estaduais da cidade do Rio de Janeiro.

- ³ Na referida tese, trabalhamos com os seguintes grupos de fatores: tipo de construção clivada; *status* informacional, classe gramatical e função sintática do constituinte focalizado; organização tópica; funções discursivo-argumentativas e meta-enunciativas, por gênero e modalidade. Para um exame quantitativo e qualitativo detalhado da atuação de cada fator e, assim também, do comportamento variável e da especialização funcional da clivagem em cada um dos gêneros textuais da fala e da escrita, recomendamos a leitura da tese de ALMEIDA (2003) e do texto de ALMEIDA; RONCARATI (2003).
- ⁴ Por condições de produção entendemos as determinações de natureza histórica, lingüística e ideológica que afetam os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso, a situação definida por processos sócio-históricos e as relações de sentido que emergem em uma porção textual específica com o coro de vozes que existe entre um discurso e os outros, concretizados em um gênero textual específico (Orlandi, 1996, p. 146).
- ⁵ BRONCKART (1999, p. 326-327) define *vozes* como entidades que assumem (ou às quais são atribuídas) a responsabilidade do dizer. Há casos em que a instância de enunciação pode pôr em cena uma ou várias vozes “outras”, como as *vozes sociais* que são procedentes de personagens, grupos ou instituições sociais que não intervêm diretamente no percurso temático de um segmento de texto, mas que são mencionados como instâncias externas de avaliação de alguns aspectos desse conteúdo.
- ⁶ Segundo TRASK (1995, p. 240), a *PC Reversa* é uma construção idêntica à PC, exceto que a ordem dos dois elementos maiores é revertida. Assim, a PC *O que eu preciso é um pouco de cerveja* é correspondente a *Um pouco de cerveja é o que eu preciso*.
- ⁷ Essa definição é baseada em NEVES (2000, p. 808): “As **causais** com **PORQUE** – que é a **conjunção** mais usada – são normalmente pospostas, e isso confere a essas **orações causais** um valor informacional ligado à informação nova. Os casos de orações causais com **PORQUE** antepostas geralmente são marcados, com a anteposição obtida por extraposição, para **focalização** (...): por **clivagem**: **Foi PORQUE** éramos tecnologicamente adiantados **que** aprendemos a ganhar terra ao mar. (AR-O). **É PORQUE** as coisas vão tão mal - sempre andaram, aliás - **que** a esperteza do indivíduo funciona como uma espécie de saída para a irracionalidade, para a estupidez do sistema social em seu conjunto. (FSP). Não **é PORQUE** o TCU disse que havia superfaturamento **que** eu iria demiti-lo. (FSP). (Destques da autora). ”

The multifunctionality of cleft sentences in the spoken and written language

Abstract – This study examines the multifunctionality of cleft sentences, focusing on its argumentative-discursive and meta-enunciative functions in genres of spoken and written language.

Key words – Cleft sentences. Spoken and written language. Genres.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, M. de C. *A multifuncionalidade da clivagem na fala e na escrita*. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2003.
- ALMEIDA, M.de C.; RONCARATI, C. Aplicações de variação morfossintática em processo de retextualização. *Revista do GELNE*, João Pessoa, v. 3. n. 1, p. 180-184, jan-jul. 2001. Publicada em 2003.
- AZEREDO, J. C. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BERLINCK, R. de A.. A ordem de constituintes em uma perspectiva funcionalista. In: CAMPOS, O.L.A.S. (Org.). *Descrição do português: Abordagens funcionalistas*. Araraquara: FCL-UNESP-Ar, 1999, p. 319-331.
- BRAGA, M. L. *As sentenças clivadas no português falado do Rio de Janeiro*. Relatório final apresentado ao CNPq, 1989. Mimeografado.
- _____. As sentenças clivadas no português falado no Rio de Janeiro. *Organon*, Porto Alegre, v. 5, n. 18, p. 109-125, 1991.
- _____. A dimensão dos constituintes no Português do Brasil. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 5-6, n. 117, p. 17-26, abr.-jun. 1994.
- . _____. A informação, seu fluxo e as construções clivadas. In: HEYE, J. (Org.). *Flores verbais*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 283-292.
- _____. Fala, escrita e estratégias de focalização. In: CAMPOS, O.L.A.S. (Org.). *Descrição do português: Abordagens funcionalistas*. Araraquara, Paulo: FCL - UNESP - Ar, 1999, p. 281-298.
- BRONCKART, J.P. *Atividades de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.
- CALLOU, D. et al. Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosódia. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. v. 2. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1993, p. 315-353.
- DECAT, M.B.N. Construções de tópico em português: Uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento do sistema pronominal. In: TARALO, F. (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes / UNICAMP, 1989, p. 113-139.

- GALVES, C. Tópico e sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n. 24, p. 19-31, 1998.
- HOPPER, P. J. *Pseudoclefts and the fragmentary nature of "grammar"*. Palestra proferida em 12 de junho de 2002, na Universidade Federal Fluminense. Mimeografado.
- KATO, M. al. As construções-q no português brasileiro falado: Perguntas, clivadas e relativas. In: KOCH, I.G.V. (Org.). *Gramática do português falado*. v. 6. Campinas: EDUNICAMP / FAPESP, 1996, p. 303-368.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1996.
- _____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1998.
- LEITE, Y.; CALLOU, D. et al. Tópicos e adjuntos. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *Gramática do português falado*. v. 4. Campinas: UNICAMP / FAPESP, 1996, p. 321-339.
- MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita: Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MATEUS, M.H.M et al. *Gramática da língua portuguesa: Elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português atual*. Coimbra: Almedina, 1983.
- MATEUS, M.H.M et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.
- MODESTO, M. *As construções clivadas no português do Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2001.
- MOLLIÇA, M. C. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- NEVES, M. H M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ORLANDI, E P. *A linguagem e seu funcionamento*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- _____. *Discurso e leitura*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993. 1. ed.: 1988.
- PERINI, M. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.
- PRETI, D. (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 1997.

PRINCE, E.F. Toward a taxonomy of given / new information. In: COLE, P. (Org.). *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981, p. 223-255.

_____. The ZPG Letter: Subject, definiteness, and informations - status. In: MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. (Eds.). *Discourse description: Diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1992, p. 295-325.

RONCARATI, C. *Banco de dados interacionais*. Rio de Janeiro: Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ/CNPq, 1996.

TRASK, R.L. *A dictionary of grammatical terms in linguistics*. London/New York: Routledge, 1995.

Recebido e aprovado para publicação em maio 2007